

*O artigo abaixo foi originalmente publicado no jornal The New York Times, em 6 de abril e é republicado com permissão. Direitos autorais © 2014 The New York Times. Todos os direitos reservados.*

As loucuras czaristas de Putin

Por Robert Service

Oxford, Inglaterra — Os livros didáticos russos elogiam Pedro, o Grande, como um industrializador e visionário cultural que transformou o seu país em uma potência europeia. A Rússia se tornou temida mas também respeitada por seus vizinhos, e Pedro representa o herói-czar oficial da história russa.

Vladimir V. Putin é por si mesmo muito mais semelhante a outro czar, Nicolau I, que terminou se deparando com um conflito militar com os britânicos e os franceses e rejeitou os apelos por reformas básicas necessárias para permitir que a Rússia competisse com as potências mundiais de sua época. Nicolau possuía uma visão de mundo limitada e uma personalidade arrogante. Sempre vigilante para com as Forças Armadas e os serviços secretos, negligenciou a necessidade mais ampla de modernizar a economia e a sociedade russa. Seu país pagou um preço elevado por isso quando seu exército foi humilhado na Guerra da Crimeia entre 1853 e 1856.

A política externa liderada pelo sr. Putin demonstra uma grave ausência de visão. Na Ucrânia, ele deu muita importância às ameaças contra a população de etnia russa por parte dos “fascistas” do oeste da Ucrânia que estavam influenciando os acontecimentos políticos em Kiev. É verdade que a coalizão de direita da Ucrânia, conhecida como Setor da Direita, é composta por alguns extremistas decididamente insanos. Mas nem todo partidário que declarou a guerra da independência contra o exército soviético na década de 1950 era um fascista; e ao tomar controle da península crimeana, o sr. Putin deu início à clássica tentação para os patriotas russos de se expandir para todo o território da Ucrânia.

Ainda por cima, um oitavo da população da Crimeia é composta por tártaros, os quais Joseph Stalin deportou para a Ásia Central em 1944 e que tiveram permissão de retornar à sua península natal apenas no final da década de 1980. Eles, em sua maioria, se abstiveram de votar no recente referendo sobre a incorporação da Crimeia à Federação Russa. São muçulmanos, em sua maioria, e alguns dentre sua população jovem podem agora se tornar recrutas para uma jihad contra o imperialismo russo.

Ao se apropriar de 4,5% do território ucraniano, o sr. Putin realizou a improvável façanha de destruir seu próprio sonho de formar uma “União Eurasiana” sob a liderança da Rússia. Certa vez, ele planejou manter o presidente Viktor F. Yanukovich como seu regente fantoche em Kiev. Agora o sr. Yanukovich encontra-se refugiado em algum lugar na Rússia e o governo da Ucrânia está fortalecendo a cooperação com a União Europeia.

Isso representa um desastre para a política externa do sr. Putin. Embora ele esteja ocultando isso do público por intermédio de seu controle de canais de TV, ele não será capaz de enganar todas as pessoas a maior parte do tempo.

Seu maior erro de cálculo refere-se à própria Rússia. A emergência com que a Ucrânia foi tratada mobilizou os super-ricos a transferir ainda mais suas riquezas para o Ocidente. Cerca de US\$ 70 bilhões saíram do país somente este ano.

O sr. Putin se orgulha de trazer estabilidade após os anos tumultuados do regime de Boris N. Yeltsin. A fuga de capital nessa escala conta uma história diferente. O Banco Mundial está soando o alarme com relação à redução de metade da taxa de crescimento da Rússia se o sr. Putin continuar com sua obsessão ucraniana.

Igualmente preocupante para o presidente russo deveria ser o fenômeno de “êxodo de cérebros”. Centenas de milhares dos mais brilhantes jovens russos fizeram as malas e seguiram rumo ao Vale do Silício, a Nova York e a Londres. Isto tem ocorrido desde o colapso do Comunismo, mas o sr. Putin não fez nada para conter essa tendência.

Os jovens partem em virtude de desespero com administradores valentões e empreendedores violentos. Eles querem viver em uma meritocracia, na qual o próprio talento é o que conta. Seguem o exemplo de Sergey Brin da Google; não de ministros e empresários falaciosos da corte do sr. Putin.

Para os expatriados que desejam voltar à Rússia, as coisas têm de mudar — e esse é o verdadeiro teste da eficiência do sr. Putin como presidente. Eleito pela primeira vez em 2000, fez pouco para acabar com a corrupção. E puniu de maneira espetacular um pequeno número de oligarcas, apenas para redistribuir suas fortunas a seus asseclas políticos. O Estado de Direito é imposto de maneira frágil quando os homens de poder veem seus interesses em risco.

E o sr. Putin também não fez o suficiente para diversificar e abrir a economia da Rússia. Por anos — na realidade, desde o período da perestroika de Mikhail S. Gorbachev — economistas russos e estrangeiros têm enfatizado a necessidade de que o país vá além de sua dependência em produtos de exportação do setor petroquímico. O primeiro-ministro Dmitri A. Medvedev sempre compreendeu isso, mas lhe faltava a autoridade para sanar a situação.

A Rússia necessita exportar produtos de alta tecnologia, e não apenas petróleo e gás. E a potência rival que deve ter em mente não se localiza a oeste, mas ao sul. Desde meados da década de 1970, os governantes da China têm priorizado a diversificação de sua economia. Essa seria a exigência mínima para assegurar o status de potência Eurasiana à Rússia. Em vez disso, os chineses estão no caminho de se tornarem uma superpotência enquanto a Rússia sucumbe.

As oportunidades que Moscou possui para competir sempre dependeram da cooperação de países ocidentais dotados de tecnologia avançada. As ações impulsivas do sr. Putin na pequena Crimeia tornaram essa uma perspectiva distante. Ele perdeu seu lugar no G-8 (grupo dos oito países mais industrializados do mundo).

Sempre houve ceticismo em relação às boas intenções do sr. Putin na Europa Oriental; agora, existe uma verdadeira hostilidade. Mesmo a dependência da importação de gás russo por parte da Alemanha não impediu a chanceler Angela Merkel de repreender o sr. Putin. A União Europeia está ativamente considerando uma maneira de se livrar da dependência do combustível russo.

O sr. Putin iniciou o ano com uma demonstração de “poder brando” russo durante as Olimpíadas de Inverno em Sochi, onde a cerimônia de encerramento apresentou um país de cultura e esportes estilosos e inofensivos. Já no dia seguinte, ele enviou tropas à Crimeia. E agora o Banco Mundial sugere que a Rússia possa enfrentar uma recessão econômica até o final do ano.

Os sinais são de que o sr. Putin e o ministro das Relações Exteriores, Sergey V. Lavrov, estão começando a compreender as implicações da gafe geopolítica que infligiram a si mesmos. O sr. Lavrov ao menos começou a dialogar com o secretário de Estado, John Kerry.

As potências ocidentais não vão iniciar uma segunda guerra crimeana, mas elas possuem mais oportunidades de exercer pressão sobre a Rússia do que o sr. Putin imaginava. Seria melhor que ele considerasse o precedente do czar Nicolau I.

*Robert Service, professor de história da Rússia na Faculdade Saint Antony, em Oxford, é autor, mais recentemente, de “Uma História da Rússia Moderna: do Czarismo ao Século 21” (tradução livre).*